

Estranhamentos e homossexualidades: *professores homens nos anos iniciais e educação infantil*

Estrangements and homosexuality:
male teachers in the early years and early childhood education

Extrañamientos y homosexualidades:
maestros varones en los primeros años y la educación infantil

THOMAZ SPARTACUS MARTINS FONSECA*

Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora, Juiz de Fora- MG, Brasil.

ANDERSON FERRARI**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora- MG, Brasil.

RESUMO: Que estranhamentos emergem a partir da presença de professores homens nos anos iniciais? É essa questão que irá organizar nossas análises, interessadas nas articulações entre saberes, poderes e seus efeitos nos sujeitos que estão nas escolas e que levam para esse espaço educativo as organizações em torno das relações de gênero. Uma questão foco, resultado de uma pesquisa de mestrado em Educação realizada entre 2010 e 2011. Metodologicamente, trabalhamos com entrevistas com os dois professores homens cisgênero e com observação das aulas. A perspectiva teórico-metodológica que orienta as problematizações são os estudos foucaultianos e pós-estruturalistas. Um dos achados da pesquisa foi fortalecer o aspecto educativo de constituição dos sujeitos que estamos colocando em circulação nas escolas quando definimos espaços distintos para homens e mulheres

* Graduado em Licenciatura em Educação Básica pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição na qual é doutorando em Educação. Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade – GESED. *E-mail:* <spartacusjf@gmail.com>.

** Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade – GESED. *E-mail:* <aferrari13@globo.com>.

e como a presença de professores homens nos anos iniciais está atravessada por relações de gênero e sexualidade.

Palavra-chave: Homens. Anos iniciais. Gênero. Estranhamentos. Homossexualidades.

ABSTRACT: What estrangements emerge from the presence of male teachers in the early years? It is this question that will organize our analyses, interested in the articulations between knowledge, power, and their effects on subjects who are in schools and who take organizations around gender relations to this educational space. A focus issue, the result of a Master's in Education survey conducted between 2010 and 2011. Methodologically, we worked with interviews with the two male cisgender teachers and with classroom observation. The theoretical-methodological perspective that guides the problematizations are the Foucaultian and poststructuralist studies. One of the research findings was to strengthen the educational aspect of the constitution of subjects that we are putting into circulation in schools when we define different spaces for men and women, and how the presence of male teachers in the early years is crossed by gender and sexual relations.

Keywords: Men. Early years. Gender. Estrangements. Homosexuality.

RESUMEN: ¿Qué extrañamientos surgen de la presencia de profesores varones en los primeros años? Es esta pregunta la que organizará nuestros análisis, interesados en las articulaciones entre saberes, poderes y sus efectos sobre los sujetos que están en las escuelas y que llevan a las organizaciones en torno a las relaciones de género a este espacio educativo. Una pregunta de enfoque, resultado de una investigación de una maestría en educación realizada entre 2010 y 2011. Metodológicamente, se trabajó con entrevistas a los dos profesores hombres cisgénero y con observación de clases. La perspectiva teórico-metodológica que guía las problematizaciones son los estudios foucaultianos y postestructuralistas. Uno de los hallazgos de la investigación fue fortalecer el aspecto educativo de la constitución de los sujetos que estamos poniendo en circulación en las escuelas cuando definimos espacios diferenciados para hombres y mujeres y cómo la presencia de maestros varones en los primeros años está atravesada por relaciones de género y sexualidad.

Palabra clave: Hombres. Primeros años. Género. Extrañeza. Homossexualidades.

Introdução

Esse artigo é resultado de uma pesquisa mais abrangente de Mestrado em Educação, realizada entre 2010 e 2011, interessada nos efeitos da presença de professores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de Juiz de Fora/MG. Uma pesquisa que nasceu da experiência e do incômodo pessoal de um dos pesquisadores com a formação inicial no extinto curso Normal. A inquietação era com a ausência do gênero masculino nesses espaços educativos, algo que foi reforçado na trajetória profissional como docente dos anos iniciais a partir dos discursos generificados que atravessavam sua atuação. Estamos entendendo gênero como um organizador social, como defende Joan Scott (2019), como resultado de construção histórica e de relações que se estabelecem na cultura. Ampliando esse entendimento, Judith Butler (2019) vai explorar a noção de performatividade de gênero, defendendo que os gêneros se constroem por atos e discursos reiteradamente repetitivos nos espaços sociais, de forma sutil e eficiente. Essas autoras nos inspiram a pensar a escola como um desses espaços em que vamos acionando discursos sobre homens e mulheres, de maneira que vamos colocando em funcionamento práticas reiterativas por meio das quais “o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2019, p. 16). Um processo de constituição de sujeitos nos seus pertencimentos de gênero e sexualidade que não envolve somente os alunos e alunas, mas também professores e professoras.

Nosso primeiro passo foi realizar um estado da arte sobre a produção acerca do tema, no qual foi possível encontrar pesquisas e artigos que estabelecem diálogo com nossa investigação. Diferentes estudos, como os de Benedito Medrado (1997), Sócrates Nolasco (1993) e Sandra Unbehaum (2000), iniciaram esse movimento de pensar os homens e as masculinidades como resultado de construção em meio às relações de gênero e sexualidade. Assim, foram colocando sob suspeita um modelo de homem típico e homogêneo, investindo na ampliação do olhar a partir de experiências concretas de construção do masculino em diferentes contextos sociais.

Desse primeiro movimento de pesquisas discutindo masculinidades até o momento da nossa investigação, o campo teve um desenvolvimento importante, de forma que foi possível encontrar 41 pesquisas, entre mestrado e doutorado, no campo da educação quando acionamos a palavra chave ‘masculinidade, docência’ no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Trabalhos que analisam a temática da masculinidade na educação infantil e nos anos iniciais, apresentando as trajetórias profissionais e narrativas dos professores atuantes e daqueles que desistiram da docência, discutindo outros elementos que permitiram problematizar o trabalho docente na Educação infantil, dentre eles o corpo, a sexualidade, o cuidado, a diferença, o binarismo de gênero. (CARVALHO, 2007; FERREIRA, 2008; CARDOSO, 2009). Trabalhos que afirmam que são as concepções e saberes do senso comum,

que refletem posturas e práticas pedagógicas preconceituosas em relação ao homem, mulher, escola, profissão docente, e que estas representações são construídas na interação entre o indivíduo e a sociedade nas relações sociais.

O diálogo com essas pesquisas e nossas experiências com a formação docente e com as relações de gênero e sexualidade no contexto escolar contribuiu para organizar nossa pesquisa interessada nos discursos de homossexualidades masculinas advindos do estranhamento da presença de professores homens cisgênero na educação dos anos iniciais. Neste sentido, nosso primeiro procedimento de investigação foi construir o campo empírico a partir do contato com o Departamento de Ações Pedagógicas da Secretaria de Educação de Juiz de Fora/MG, interessados em saber sobre a presença de professores homens nos anos iniciais. Num total de 2 mil professoras mulheres que atuavam neste segmento apenas 10 professores eram homens nos anos iniciais, todos concursados. O passo seguinte foi entrar em contato com as escolas em que esses 10 professores estavam lotados para apresentar a pesquisa e convidá-los a participar. Nestes contatos ficamos sabendo que somente 03 deles estavam em sala de aula, sendo que os demais estavam cedidos e exercendo outras funções na Secretaria de Educação ou com atividades em projetos como, por exemplo, o 'projeto Teatro na escola', ou ainda licenciados para cursos de formação. Nossa intenção era trabalhar com esses 03 professores, sendo que um deles se recusou a participar, sem nenhuma justificativa, de maneira que a pesquisa foi realizado com os dois professores homens que aceitaram o convite: Geraldo e Joel¹.

Joel trabalhava em dois turnos na mesma escola. Pela manhã, com uma turma de quinto ano e, à tarde, com uma turma de terceiro ano. Geraldo atuava pela manhã como professor temporário de História, em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo que pela tarde trabalhava em outra escola com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental. Geraldo cursou pós-graduação em Psicopedagogia e Sociologia e Joel, o Normal Superior através do projeto Veredas². Ambos eram homens cisgênero, brancos e casados, sendo que Joel se entendia como homossexual e era casado com outro professor da rede pública de ensino e Geraldo, que se classificava como heterossexual, era casado e tinha dois filhos. Para a realização do trabalho foi adotado como procedimento metodológico as entrevistas abertas e semiestruturadas que ocorreram nas escolas nas quais os dois atuam, e a observação nas aulas para conhecer o relacionamento destes com seus alunos e alunas. Também foram entrevistadas as gestoras das escolas e duas professoras que trabalhavam diretamente com estes profissionais na mesma escola e na mesma etapa/ano, objetivando entrar em contato com os discursos que cercam a presença destes professores homens na escola. Para realizar as entrevistas, seguimos todos os preceitos éticos, tais como a participação voluntária e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No momento em que entramos em contato com os professores homens, deixamos claro que a participação seria absolutamente voluntária e que poderiam abandonar a pesquisa a qualquer momento. Além disso, mantivemos a privacidade e anonimato dos

participantes, de maneira que os nomes que aparecem são fictícios e não identificamos as escolas que lecionam. Todas as entrevistas eram gravadas, depois transcritas e encaminhadas para cada um ou uma das entrevistadas para que pudessem modificar o que achassem importante e aprovarem o texto final.

Nas entrevistas e observações, dois aspectos nos chamaram atenção por seu vínculo com a construção da subjetividade desses professores homens: o estranhamento da presença de homens nos anos iniciais e os discursos de homossexualidades que eram construídos a partir desta presença. O objetivo desse artigo, portanto, é problematizar esses dois aspectos como construções que dizem da organização da nossa sociedade em torno das relações de gênero, da distribuição de corpos e de espaços que dizem de uma forma de conhecer e construir sujeitos. Mais do que isso, vamos investir nas problematizações seguindo as trilhas de Michel Foucault (1988, 2014), destacando um conjunto de relações de saber-poder que nos conduzem também para a discussão da formação de professores/as em seus atravessamentos com as relações de gênero e sexualidade. São os interesses de Foucault sobre as relações de poder, ligadas aos saberes que vamos explorar nas nossas análises, considerando que o autor estudou as relações de saber-poder através das quais nos constituímos como sujeitos que atuam sobre os outros e sobre nós mesmos. Para nós, os atravessamentos entre gênero e presença de professores homens nas escolas se estruturam por essas relações de saber-poder aos moldes foucaultianos, principalmente no controle dos corpos e nas ações que os professores desenvolvem sobre si mesmos.

Procedimentos metodológicos

Nossos procedimentos metodológicos seguiram os caminhos pós-estruturalistas e as possibilidades que essas trilhas proporcionam no encontro com as pluralidades, de maneira que trabalhar com a perspectiva pós-estruturalista é admitir que a incerteza e a dúvida são partes da pesquisa e nos conduzem à formulações mais abertas. (LOURO, 2007). Interessados na produção discursiva dos sujeitos, naquilo que são capazes de dizer sobre si e sobre o contexto em que circulam, optamos pelas entrevistas abertas e semiestruturadas com os professores participantes e observações no contexto escolar.

Nesse tipo de entrevista, não temos questões fechadas, mas temas que são tratados numa conversa entre os sujeitos, sem uma ordem rígida. (PARAÍSO & CALDEIRA, 2018). Esses encontros foram combinados a partir dos melhores horários para os professores participantes. Depois de combinarmos os horários, questionamos em que espaço se sentiriam mais confortáveis para a entrevista e se poderíamos gravar com áudio. Os dois concordaram com a gravação e nos comprometemos em transcrever e retornar para eles para que pudessem ler novamente, alterar o que fosse necessário e aprovar as entrevistas. Ambos escolheram a escola como o local em que se sentiriam mais confortáveis

para entrevistas, já aproveitando que estaríamos na escola para as observações de suas aulas. No total foram 3 entrevistas individuais com cada um dos professores, totalizando 6 horas de gravação em que elencamos temas como a formação inicial, a formação continuada, o contexto familiar, a inserção na educação e na escola, os relacionamentos com as demais professoras no ambiente escolar, dentre outros, sempre com o atravessamento nas questões de gênero e sexualidade. Também nos dedicamos as observações na escola que ocorreram por três meses com o foco nas aulas dos professores participantes para conhecer o relacionamento destes com seus alunos e alunas, além de conversas em outros espaços como sala de professores, corredor, entrada da escola, pátio, enfim, espaços em que acompanhávamos os professores e depois anotávamos essas conversas no diário de campo. Também foram entrevistadas as duas gestoras das escolas e duas professoras que trabalham diretamente com estes profissionais na mesma escola e na mesma etapa/ano, objetivando conhecer os discursos que cercam a presença destes professores homens na escola.

Buscamos compreender como os discursos que circulam na escola, (trans)formam o sujeito professor-homem dos anos iniciais. Nosso propósito era pensar como este profissional é formado e como ele se forma, discursivamente. Segundo Louro (2007, p.3), a linguagem institui aquilo que se fala, de maneira que a linguagem que usamos não apenas reflete nosso modo de conhecer, mas cria um jeito de conhecer. Dessa forma, ao inserir esta pesquisa na perspectiva pós-estruturalista, procuramos problematizar a presença de homens em um território que, culturalmente e historicamente, não lhes pertencem. Assim, sentimos a necessidade de, como ensinou o filósofo, dar um passo para trás, o que significa libertar-se de seu objeto e estabelecer com ele uma relação de reflexão e problematização (MARSHALL, 2008, p. 31), porém nunca de afastamento ou imparcialidade. Pesquisar numa perspectiva foucaultiana é trabalhar com a experiência, já que para o autor somos sujeitos de experiência. (MEYER & PARAÍSO, 2012). A experiência de conhecer estes dois professores homens, suas vidas e suas histórias, possibilitou-nos reconhecermos a nós mesmos em nossas narrativas, também como professores homens. A pretensão deste artigo é agregar-se a outros estudos e pesquisas que busquem problematizar e acompanhar outras possíveis discussões acerca da formação das relações de gênero, da constituição dos sujeitos, das masculinidades e da formação de professores e professoras.

Estranhamentos e homossexualidades

Estranhamentos e homossexualidades foram dois aspectos que apareceram a partir das narrativas dos dois professores homens, mas também nas falas das professoras e gestoras que trabalhavam na mesma escola. Dois aspectos que se relacionam ou têm sua

origem nos processos de enquadramento que nos organiza e nos caracteriza como uma sociedade do enquadramento. Judith Butler (2018), preocupada com as vidas que são passíveis de luto, argumenta que as violências atingem, de maneira desigual, os sujeitos a partir dos enquadramentos epistemológicos. O que a autora quer dizer com isso é que algumas vidas são qualificadas como vidas e, portanto, passíveis de luto, enquanto outras são desqualificadas, sofrendo uma precariedade mais violenta e mesmo letal. O enquadramento está ligado ao conhecimento. Os nossos aprendizados vão enquadrando os sujeitos nos seus pertencimentos de gênero, por exemplo, que é um dos primeiros enquadramentos que nos atravessa. O gênero é resultado de conhecimentos que nos levam a identificar, nomear e adjetivar um corpo como masculino ou feminino a partir de uma matriz biológica. No entanto, esse corpo só ganha materialidade no cultural, na medida em que vamos colocando significados nele, construindo os sentidos dos gêneros que nos possibilita ler e enquadrar os sujeitos nos seus corpos. Com isso também vamos reservando espaços e atividades para esses sujeitos, seus corpos e seus gêneros (BUTLER, 2019).

As problematizações de Judith Butler (2018, 2019) nos instigam no sentido de colocar em discussão os processos de classificação que organizam os sujeitos a partir do que conhecemos como apropriado segundo algumas categorias como gênero, raça, classe, sexualidade. Os estranhamentos só parecem possíveis na medida em que homens e mulheres ocupam outros espaços, diferentes daqueles reservados para os seus gêneros, colocando os enquadramentos sob suspeita. Se para Butler (2018, p. 13-14) os enquadramentos são “as molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como perdidas ou lesadas”, ela também chama atenção para o fato de que essas *molduras* ou enquadramentos estão, hoje em dia, saturadas. Enquadrar é colocar na moldura, é estabelecer fronteiras e limites, de forma que os sujeitos sejam vistos a partir dessas molduras. Mas todo enquadramento também mantém em aberto diversas maneiras de fugir ou mesmo ampliar esses limites e as imagens que vamos construindo sobre os sujeitos. Escapar do enquadramento causa estranhamento, visto que enquadramento e estranhamento são dois processos que se constroem no social, no exercício das relações de saber-poder e nos processos de subjetivação. Michel Foucault (1988) vai se dedicar a problematizar os modos como nos constituímos como sujeitos e como esses processos de subjetivação não ocorrem sem a objetivação, sem conhecimento e sem relações de poder. São esses processos que nos permitem falar e construir conhecimentos sobre nós mesmos. Isso acontece quando o professor Joel é convidado a falar da sua presença como professor homem nos anos iniciais. Para falar de si e desse lugar ocupado por um gênero que não é esperado, ele aciona os saberes e seus enquadramentos.

“Quando eu cheguei, alguns pais estranharam, ficaram assustados com um professor homem trabalhando com pré-escolar. Mas com o passar do tempo, fui cativando, gostaram muito do trabalho, viram que eu estava sempre presente, comprometido, conseguia alfabetizar as crianças, e assim criou um elo muito grande entre família e professor e alunos. Inclusive, os meus primeiros alunos, que hoje estão no Ensino

Médio, os pais me procuram... Pra poder dar uma orientação: 'Fulano tá preguiçoso, vai lá em casa, conversa com ele pra mim, porque você ele ouve'. Então tem essa ligação, esta relação se estreitou'" (Prof. Joel).

Professor Joel estabelece um recorte temporal entre um antes e um depois, se utilizando desses dois momentos distintos para dar lugar às mudanças em torno do conhecimento sobre professores homens nos anos iniciais. Ele utiliza as expressões 'quando' e 'mas' para dizer desse estranhamento e da necessidade de convencimento do seu trabalho para além do seu pertencimento de gênero. "Quando eu cheguei, alguns pais estranharam, ficaram assustados com um professor homem trabalhando com pré-escolar". O estranhamento e o susto são possíveis porque os pais acionam saberes sobre gênero e as ocupações dos espaços escolares, de maneira que 'sabem' que o trabalho com crianças no primeiro segmento do Ensino Fundamental é destinado ao gênero feminino. Isso porque eles estão atravessados por saberes sobre os gêneros e sobre os espaços. Podemos pensar que eles 'sabem' que o trabalho com crianças tão pequenas exige carinho, contato corporal, cuidado, enfim, um conjunto de ações entendidas como apropriadas ao feminino. Assim, quando se dão conta de que é um homem, também acionam 'saberes' sobre o envolvimento de homens com essas ações de carinho, contato corporal e cuidado com crianças, de maneira que esses saberes vão dando lugares a esses homens que estão fugindo do enquadramento ou colocando os enquadramentos dos pais em movimento. O estranhamento, que é resultado do enquadramento, vai buscando se adequar a partir de novas e outras molduras e saberes como, por exemplo, a suspeita sobre a sexualidade desses professores e mesmo a classificação e o enquadramento como homossexuais. O professor Geraldo, ao falar da sua relação com a escola, nos possibilita pensar os efeitos dos enquadramentos nos sujeitos: *"de um modo geral a relação é boa. Mas eu também sou um pouco fechado. Eu demoro um pouco a ficar à vontade. Mas assim, nunca tive problema não... A partir do momento que eu entro, fica tranquilo"*.

Demorar a 'ficar à vontade' parece ter ligação com o sentimento de não pertencimento ao espaço ocupado. Comumente ficamos à vontade quando sentimos que fazemos parte do espaço em que estamos. Em alguma medida o professor Geraldo incorporou o que cabe ao gênero masculino na escola, de forma que se classifica como *um pouco fechado*. As falas dos dois professores nos fazem pensar sobre a ideia da competência. Os pais estão preocupados com as questões de gênero ou, no final das contas, o que mais importa é a competência da escola, do professor, da educação? O modelo de educação que temos como aquele ligado a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1987), também vai servindo com formas de conhecer e enquadrar o trabalho dos professores e professoras como 'bom' ou 'mau'. Assim, para os pais, não basta saber ensinar, mas é necessário disciplinar, ter autoridade. Esses entendimentos do processo educativo acabam por transformar a presença de professores homens nos anos iniciais como paradoxal. Ao mesmo tempo em que causa

estranhamento e mesmo temor, também causa expectativa e agrado, uma vez que outro conhecimento e enquadramento vai definindo os homens como aquele que tem maior autoridade e mais capacitado para a disciplinarização. A partir do momento que conseguem convencer quanto a sua competência no exercício da docência, assim como afastar as ameaças de uma ligação entre as homossexualidades e a pedofilia, o gênero masculino passa a ser valorizado num modelo de disciplinarização que nos constitui. Neste ponto, o professor Joel aponta para além das obrigações esperadas de um professor, retratando situações nas quais ele agiria na vida não só de seus alunos e ex-alunos, mas da família, na constituição dos sujeitos: “Inclusive, os meus primeiros alunos, que hoje estão no Ensino Médio, os pais me procuram... Pra poder dar uma orientação: ‘Fulano tá preguiçoso, vai lá em casa, conversa com ele pra mim, porque você ele ouviu’”.

O que estamos demonstrando é que esses enquadramentos e estranhamentos têm efeitos nos sujeitos, nas maneiras como conduzem a si mesmos e aos outros, nas formas como entendem seu trabalho e compreendem a si mesmos como professores homens nos anos iniciais. Neste sentido, os estranhamentos em suas ligações com os enquadramentos de gênero surgem antes mesmo de chegarem as escolas, se constituindo desde o ingresso nos cursos de formação. O professor Geraldo nos conta sobre os estranhamentos que vivenciou na sua formação inicial e como isso vai dando lugares e enquadrando homens e mulheres. Percebeu o discurso social de que a educação de crianças não é lugar para homens desde a faculdade, guardando na memória, falas dos professores da faculdade sobre a presença deles no curso de Pedagogia: “*quando vocês vão vir de saia?*”, *questionando, até a própria condição sexual da gente, pelo fato de estar ali estudando com tantas mulheres*” (Prof. Geraldo).

Diante das situações que vão vivendo, os professores vão desenvolvendo táticas próprias para o enfrentamento das questões ligadas ao gênero e à formação. O professor Joel, por exemplo, ‘revelou’ sua orientação sexual e o fato de ter uma relação homossexual estável e duradoura com o mesmo companheiro desde o início. Em sua opinião, ser transparente e verdadeiro quebra preconceitos. O professor Geraldo, por sua vez, também ‘revelou’ ser casado e ter dois filhos. Neste caso a heterossexualidade é uma ‘revelação’, já que a homossexualidade é tida como a norma quando se tem professores homens nos cursos de Pedagogia. A sexualidade desses dois professores não deveria despertar tanto interesse, mas não é assim que perceberam. O que está em vigor nos cursos de formação de professores homens na Pedagogia não se limita às competências e habilidades para o exercício da docência, mas também às relações dos seus corpos, desejos e orientações no espaço escolar.

O professor Joel conta que conseguia ler nos olhos das pessoas, quer fossem da Educação ou não, que ele não ia dar conta, que não acreditavam que ele seria capaz de atuar em uma profissão tão feminina:

“Ah este cara não vai dar conta’, ‘profissão de mulher isso’, ‘ele não tem competência’, ‘homem não tem paciência’. E foi completamente ao contrário, que eu tinha mais paciência, a gente grita... Mas é diferente... É uma relação amigável, de carinho, eu sou muito exigente,

mas é 50% de exigência e 50% de carinho, ou 100% de exigência e 100% de carinho, bem equilibrado. A gente briga, a gente grita e tudo mais. Mas daqui a pouquinho o aluno tá te abraçando, tá te beijando... Não fica aquela picuinha, o ódio não aflora. Acho que bate na consciência deles que 'não, ele tá sendo bravo assim porque ele gosta de mim...'" (Prof. Joel).

A competência diz de uma exigência, de um entendimento de ensinar ligado a uma mistura entre cobrar com rigor, mas com carinho, com afeto, uma mistura entre o que é próprio do masculino (a autoridade, a disciplina, a exigência rigorosa) com o que é do feminino (o carinho, o abraço, o beijo). O que acionam não são apenas conhecimentos sobre o que é ensinar, mas também conhecimentos sobre o que é ser homem neste processo de ensinar misturado com disciplinar. Segundo Foucault (2014), nos tornamos sujeitos na medida que somos capazes de falar de nós mesmos, de construir conhecimentos sobre nós mesmos e isso ocorre a partir de três modos de subjetivação. Esclarecendo esses três modos de subjetivação de Foucault, Alfredo Veiga Neto nos demonstra como nos tornamos o que somos a partir dos saberes, dos poderes e das relações com os outros e conosco. "Em outras palavras, nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós mesmos aplicamos sobre nós mesmos" (VEIGA-NETO, 2007, p.111).

A citação acima nos ajuda a problematizar as falas dos professores participantes da pesquisa nos seus processos de constituição como professores homens nos anos iniciais. Para falar deles, dos seus trabalhos e das suas presenças nas escolas, eles acionam o tempo todo os discursos sobre os gêneros como organizadores sociais (SCOTT, 2019), assim como as relações com os outros (sejam professoras, gestoras, comunidade escolar, alunos e alunas) e consigo mesmos a partir desses atravessamentos com poderes e saberes. As falas dos professores, neste contexto, nos mostram o quanto somos constituídos por discursos, tanto dos demais sujeitos quanto por nossos próprios discursos. Segundo Veiga-Neto (2007), a prática discursiva é composta por um conjunto de enunciados.

O enunciado é um tipo muito especial de um ato discursivo: ele se separa dos contextos locais e dos significados triviais do dia-a-dia, para construir um campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem, em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo uma ordem – seja em função do seu conteúdo de verdade, seja em função daquele que praticou a enunciação, seja em função de uma instituição que o acolhe (VEIGA-NETO, 2007, p. 95).

Foucault encontra na linguagem a relação constitutiva entre pensamento e o sentido que damos às coisas, em outras palavras, para o filósofo, damos ao mundo a interpretação de nossa relação, de nossa experiência com ele; e isto acontece através da linguagem. A linguagem exprime, não emitindo ou reduplicando as coisas, mas na medida em que manifesta e traduz o querer fundamental daqueles que falam (FOUCAULT, 1998). O professor Geraldo aponta justamente esta relação, já que, segundo o professor, recebeu

também muito apoio. Questionado sobre como era a relação com as demais colegas de formação na Faculdade, ele responde:

“Era uma relação muito boa... Elas visitavam a gente no Seminário, a gente ajudava com matérias como Filosofia... Psicologia... E nas áreas mais práticas, a gente pegava ajuda com elas... Sempre... Havia sempre esta troca... Assim, tivemos problemas mais com professores do que com as colegas” (Prof. Geraldo).

Ele também cita uma professora do curso que tinha opinião e conceitos diferentes daqueles dos professores citados anteriormente: *“a gente tinha uma professora que ajudou muito também, ela sempre incentivou, dizendo que era uma área muito feminina... E que tinha que mudar isso”* (Prof. Geraldo).

Ao constituir-se como sujeito-professor homem dos anos iniciais, Geraldo, de certa forma, parece ter assimilado, segundo a relação descrita por Foucault, o discurso da professora e de suas colegas de faculdade. Falas que reforçam o entendimento de Judith Butler (2018) ao problematizar os enquadramentos e sua saturação, defendendo que o enquadramento também estabelece diversas maneiras de intervir, modificar e ampliar esses limites. Além de buscar opor-se aos discursos dos demais professores que buscavam minimizar ou mesmo ridicularizar a sua presença e dos demais companheiros homens, procurando demonstrar em seu trabalho a sua competência para a função.

Se na formação o quadro, por vezes, era de estranhamento e preconceito, na docência não foi muito diferente. A vice-diretora da escola em que o professor Joel trabalha, em consonância com a coordenadora e com a diretora, relembrou um acontecimento no qual uma família solicitou a troca de sala para o filho. Porém, ao mesmo tempo as gestoras buscaram ressaltar que o professor homem tem um papel muito importante, especialmente na questão disciplinar.

“Não querer o filho estudando com um homossexual. Achar que ser homossexual influencia... E de outro lado, a questão positiva, que alguns casos de alunos mais arredios, mais indisciplinados que o fato de ser um homem, o professor ajudou também. Não digo este ano, mas ao longo da história dele aqui” (Gestoras).

As homossexualidades surgem, dessa forma, como um fantasma que assombra a presença de professores homens dos anos iniciais. Se para a comunidade da escola de Joel aparentemente este fantasma não existe, já que o professor assume a sua homossexualidade e, portanto, há a certeza da orientação sexual do professor, fica evidente na fala do próprio professor e também da equipe de gestoras uma *“vontade de saber”* (FOUCAULT, 1988) que cerca a presença dele na escola. Porém, este fantasma está lá e ronda à espreita do preconceito e da intolerância. Fantasma este que vai existir mesmo com Joel declarando a sua homossexualidade. Assumindo, ele não potencializa a discriminação, mas o medo e outros discursos relacionados a homossexualidades estão presentes por colocarem em circulação um conhecimento organizado por outras instituições e discursos,

como a classificação das homossexualidades como doença, advinda do discurso médico do século XIX, como define Michel Foucault (1988). Segundo Anderson Ferrari (2010, p. 563), o “homossexual e as homossexualidades se constituem como tais através dos centros de poder que o definem e sancionam seus papéis, sejam as escolas, as relações pessoais, a mídia, os grupos gays ou o social”. Uma definição que nos convida a problematizar as homossexualidades, especialmente no ambiente escolar, uma destas grandes instituições que produzem e colocam em circulação discursos que, por fim, tomam caráter de verdades, pode-se lançar um outro questionamento: por que a sexualidade, tanto a nossa própria sexualidade, quanto a alheia, nos chamam tanto atenção?

Segundo Foucault (1988), somos herdeiros do período vitoriano e, ainda hoje, temos como padrão aceitável a sexualidade que se desenvolve no quarto do casal heterossexual e que se destina à procriação. O filósofo chama atenção afirmando que, para outras práticas, havia o *rende-vouz* e a casa de saúde, que serviriam de espaços de tolerância, onde deviam ser escondidas e mantidas em segredo todas as outras práticas. Assim, constituiu-se a prática discursiva em torno do sexo, especialmente no século XIX, como ressaltam Elizabete Cruz e Anderson Ferrari (2010 p. 11) “nesse sentido, o século XIX foi o palco no qual se construiu, em torno da sexualidade, os binarismos da norma e da anti-norma, do que pode e do que não pode, do ‘certo’ e do ‘errado’”.

As homossexualidades são enquadradas nesta linha, nas sexualidades não aceitas, não permitidas, e que devem ser caladas e escondidas. Porém, como resalta Foucault, a sexualidade é um dispositivo. São dispositivos “as estratégias, as técnicas e as formas que o poder se serve para o assujeitamento, para os mecanismos de dominação” (FERRARI, 2010, p. 560). O uso do plural diz dessa heterogeneidade que constitui o dispositivo, “resultado de um conjunto de discursos, práticas, saberes, enfim, uma rede que se estabelece entre esses elementos que envolvem o dito e o não dito” (FERRARI, 2010, p. 560). Dispositivo é um conceito do arcabouço foucaultiano que explora esse entendimento para pensar como os diferentes dispositivos nos organizam.

Além de ser um dispositivo, a sexualidade é uma prática discursiva e, como sujeitos, somos frutos destes discursos. Portanto, o fato narrado pelas gestoras da escola em que Joel trabalha corrobora com a prática discursiva comum e que organiza a sociedade a respeito das homossexualidades e lança aos homossexuais um lugar, que, para aqueles pais, não deveria ser na docência dos anos iniciais. Em outra situação, a homossexualidade de Joel, novamente, constituiu-se em problema. Para as gestoras da escola, um dos fatos que pode ter cooperado para derrota da chapa encabeçada por Joel, foi justamente a sua orientação sexual, quando este professor se candidatou à direção da escola: “*a comunidade tem certo preconceito sim. Até na nossa eleição tinha gente falando que homossexualidade é coisa do demônio. Mas no trato geral a comunidade aceita sim, só na eleição é que apareceu de forma clara e notória* (Gestoras)³.”

Nesta fala das gestoras, podemos perceber que se criou a ideia da homossexualidade única, como se todos os homossexuais fossem iguais, especialmente ao deixar resquícios

do discurso religioso. A nossa sociedade é fruto da modernidade, que, em busca de discursos da verdade, do correto, associou a nossa 'verdade' à sexualidade e, a partir desta característica, todo mundo está interessado em conhecer os desejos e gostos de si e dos outros para saber quem somos e quem é o outro. São as práticas discursivas sobre a sexualidade que nos constroem e também constroem a nossa visão do outro, organizando os enquadramentos e, por consequência os julgamentos e os estranhamentos. Para tanto, o sujeito foi incessantemente instigado a falar, a falar de si e de sua sexualidade. Numa relação que Foucault nos leva a pensar de saber-poder-prazer. Assim, vamos construindo um arsenal de mecanismos, confissões, controle, capazes de nos mostrar e nos revelar a nós mesmos e aos outros. Em se tratando então de professores homens em um espaço dominado pelo feminino, isso desperta mais o interesse, fica a 'vontade de saber' ainda mais.

A educação, a dedicação e o bom relacionamento com os alunos e as alunas e com as famílias, tanto do professor Geraldo quanto do professor Joel, dispararam uma discussão sobre possibilidades, não só do trabalho, mas da presença de professores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em última análise, ao estranhar essa presença, estão colocando em dúvida algo para além da capacidade de ensinar, mas que diz da educação dos gêneros, nos seus embaralhamentos com as sexualidades. Estão nos dizendo que a educação no primeiro segmento e o trabalho com crianças envolvem o cuidar, como ação que aciona a ideia do feminino. Por fim, estão nos mostrando como somos resultados desses saberes que constitui os sujeitos, constitui os outros e a nós mesmos.

Considerações Finais

Ao longo do artigo, nos dedicamos a problematizar como os saberes vão constituindo os sujeitos, tanto os professores homens quanto os demais, que dizem do estranhamento desses professores e estão, de certo modo, trabalhando com o que Foucault nos ensinou, ou seja, com os modos de objetivação que produzem subjetivações. Nosso investimento, portanto, foi demonstrar que estamos olhando para um processo de educação dos sujeitos que está ocorrendo a partir dos lugares que estabelecemos para homens e mulheres. As relações de gênero e sexualidade dizem de um processo educativo que nos possibilita olhar para o mundo nos seus enquadramentos. Dizer desses processos, tomando o que ocorre nas escolas, tem uma intencionalidade que está na crença de que nossas formas de pensar e agir dizem de uma história do pensamento. Neste sentido, nosso investimento neste artigo, é colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir. Porque pensamos o que pensamos? Porque agimos da forma que agimos? São nas respostas possíveis a essas questões que apostamos, para que possamos pensar e agir de outras maneiras, da mesma forma que possamos pensar outras formas de ser, estar no mundo.

Recebido em:09/09/2020 e Aprovado em:31/05/2021.

Notas

- 1 Todos os nomes são fictícios, garantindo o anonimato, seguindo os protocolos éticos da pesquisa que conta ainda com o termo de consentimento autorizado assinado pelos professores. As falas deles irão aparecer em itálico, distinguindo das citações.
- 2 Trata-se de um Curso Normal Superior ministrado na modalidade de educação a distância para 14.700 professores das redes estadual e municipal do estado de Minas em efetivo exercício nos anos iniciais do Ensino Fundamental em 2010.
- 3 As gestoras fazem menção ao processo de consulta à comunidade (eleição para diretor) no qual a chapa encabeçada pelo professor Joel foi derrotada pela atual diretora e vice-diretora.

Referências

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CARDOSO, Frederico Assis. *Homens fora do lugar: Identidades de professores homens na docência com crianças*. Trabalho apresentado no GT Gênero e sexualidade durante a 30ª reunião anual da ANPED em outubro de 2007. Disponível em: <www.anped.org>. Acesso em 20/12/2009.

CARVALHO, Eronilda Maria Gois de. *Cuidado, Relações de Gênero e trabalho Docente na educação Infantil: Um estudo de caso na pré-escola pública*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2007.

CRUZ, Elizabete Franco; FERRARI, Anderson. "Lidando com as homossexualidades" – A formação de professores em debate. *Revista Instrumento*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, 9:20, jul./dez. 2010.

FERRARI, Anderson. Mãe! E a tia Lu? É menino ou menina? – Corpo, imagem e Educação. *Revista Gênero*. Niterói: Editora UFF, 2010.

FERREIRA, José Luiz. *Homens Ensinando Crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB. 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 35. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LOURO. Guacira Lopes. *Conhecer, pesquisar, escrever...* Educação, sociedade e culturas, Porto: Ed. Universidade do Porto, v. 25, 2007.

- MARSHAL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização In: PETERS, Michael. A. e BESLEY, Tina. *Por que Foucault?* Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MEDRADO, Benedito. *O masculino na mídia: repertório sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social, São Paulo: PUC-SP, 1997.
- MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (orgs). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PARAÍSO, Marlucy Ales; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (orgs.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- UNBEHAUM, Sandra. *Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo das relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação de mestrado em Sociologia. São Paulo: USP, 2000.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.